



## AS RÂS DO MARNEL

No marnel coachavam as rãs. Um pantano lodacento de aguas estagnadas, putridas, cheias de limos verde-negros, de espadanas hirtas similhando feixes de espadas. Em redor o ermo, a charneca vil e inculta. O sol batia de chapa na monotona paizagem tremendo o ar, torrando os tojos espinhosos, as carqueijas de ramos negros, evaporando no paúl os miasmas das febres. Allí estavam as rãs bem, no lodo, na pudridão. Como ellas coachavam, ironicas! chasqueando muito dos grandes mosquitos que voavam em bandos, descrevendo curvas irregulares.

De subito appareceu no ar, lá muito alto, no ar de purissimo azul, uma cegonha no seu vôo sereno; era um ponto branco, nitido, deslizando no azul. Baixou, desceu voando em grandes círculos, vagorosamente, como se, por um capricho, quizesse traçar no espaço uma helice gigante. As rãs viram-na. Como ellas coachavam!

— Oh! que ave tão feia!  
— Olhem que pernas tão compridas e delgadas!

— Ih! que bico tamanho e mal geitoso!

— Que virá aquillo fazer por estes sitios?

— Já ouviste o canto d'ella?

— E vossê chama-lhe canto! São uns gritos

asperos, uns estalos, não se pôde ouvir. Ninguem canta como as rãs.

— E como ella vôa! será bom voar?

— Qual! o que é bom é estar aqui no pantano, no lodo fofinho, ora na agua ora ao sol.

— Ora para que servirá uma ave d'aquellas?

— Uma desgraça, um erro da natureza.

— Eu, se ella chegasse aqui, dava-lhe uma dentada.

— E eu atirava-lhe com um bocado de lodo.

— E eu prendia-a com uma junça e havia de a ter allí para me divertir.

De repente a cegonha deixa os seus círculos aerios e vem, n'um vôo rapido, pousar á beira do marnel, sobre uma pedra entre as espadanas.

O coachar parou logo, ouvia se o ruído que as rãs faziam escondendo-se, saltando para a agua, mergulhando á pressa, muito atrapalhadas.

A cegonha demorou-se um pouco immovel, solemne. De vez em quando uma ou outra rã vinha a cima d'agua, espreitava, escondendo-se logo. Depois a cegonha deu uns estalos com as suas fortes mandíbulas; parecia dizer — pobres habitantes do lodo, como sois miseraveis! Que feio pantano! — E abrindo as grandes azas, partiu n'um vôo que pouco a pouco ergueu. Uma rã



veiu espreitar, respirou, a cegonha partira, coachou logo; as outras vieram ao signal, e começaram em motim enorme.

— Lá vae ella! coachavam vendo a cegonha já muito longe, um ponto branco no azul do ar. E ferviam as vaías, os insultos, as fanfarrices;

mas a cegonha já ia a grande altura, e não é preciso subir muito para não ouvir os gritos desvairados dos habitantes dos lodaças.

GABRIEL PEREIRA.

## O PRESENTE DOS MAGOS

CONTO

Na noite de 5 de janeiro de 18... as ruas de Madrid apresentavam um aspecto bulicoso e animado. Apesar do intenso frio que fazia e do espesso nevoeiro que obscurecia a athmosphera, grande numero de pessoas alegres e desinquietaes percorriam as ruas, com archotes accesos, enganando alguns innocentes, bem poucos por certo, com o fim de irem esperar a chegada de uns poderosos monarchas orientaes, descendentes sem duvida d'aquelles outros cujos nomes ficaram consignados nas paginas da biblia. Era já bastante tarde, e entre a multidão que fazia renascer as antigas saturnaes do povo romano, seguia pela rua de Alcalá, em direcção ao bairro de Salamanca, uma elegante carruagem.

Os que tiveram a curiosidade de olhar para o interior d'ella, defendido do rigor do tempo pelas vidraças perfeitamente fechadas, viram sentados sobre almofadas de côr de perola um grupo que em nada attrahia a attenção dos transeuntes. Um sujeito de trinta e tantos annos, de boa presença e elegante modo de vestir, e um menino dos seus seis annos, trajando correctamente, segundo os ultimos preceitos da moda, formavam aquelle grupo, e pelas demonstrações de affecto que continuamente o sujeito prodigalisava á creança, e pela encantadora ingenuidade com que esta respondia ás suas perguntas, comprehendia-se claramente que eram pae e filho. O menino ia alegre; no assento dianteiro do trem via-se um embrulho, que pelos ansiosos olhares de que era alvo, e por certas phrases que a creança, com a sua impaciencia infantil, deixava escapar, eram por certo algumas gulodices, que no dia seguinte haviam de ser consumidas em festivel reunião com outros seus companheiros. Outra cousa preocupava ainda Carlos, pois era este o nome do menino.

— Papá, estarão ainda longe os reis?

— Sem duvida, meu filho; teem que vir desde Belem a distribuir dôces e presentes a todos os meninos bons, e não poderiam cumprir a sua missão n'uma só noite, se não tivessem cavallos bastante velozes.

— E o papá não sabe se elles me trazem alguma coisa?

— Não sei.

— Mas lembro-me que o papá me disse o anno passado que, se eu fosse bom e socegado, os reis me trariam um cavallo; ora, como tenho tido muito juizo, devem trazer-me o cavallinho.

— Que queres, Carlos, este anno não consegui averiguar tanto, e não tens outro recurso senão

aguardar o dia de amanhã para satisfazeres a tua curiosidade.

Carlos não ficou muito satisfeito com a resposta dada por seu pae com um malicioso sorriso; suspeitou que o desejo de fazel-o desesperar era que o privava de saber com antecipaáo qual o presente que n'aquella noite os reis depositariam na sua janella; entretanto, como seu pae lhe dissera que não tinha outro remedio senão esperar, calou-se.

Momentos depois a carruagem parava diante d'uma casa na rua de Serrano.

Desceram pae e filho, e emquanto o criado abria o portão, approximou-se d'elles uma pobre creança transida de frio, que estendia a mão pedindo uma esmola pelo amor de Deus. O pae de Carlos deu-lhe uma moeda de cobre, que o infeliz beijou, afastando-se, e não pôde deixar de compadecer-se da situação d'aquelle desgraçado, abandonado talvez de sua familia, e sem amparo algum. Carlos pensou sómente no presente que os reis trariam ao menino pobre. A casa onde morava o pae de Carlos era de construcção moderna.

O edificio era pequeno, o parque acanhado e o aspecto agradável que offerencia, era devido aos esforços de seu laborioso jardineiro, que dava voltas á imaginação para tirar partido d'aquelles mesquinhos palmos de terreno. Carlos correu a dar um beijo em sua mãe, e em seguida foi procurar o cesto onde os Magos haviam de deixar o tão appetecido brinquedo.

O sitio em que deveria ser collocado foi assumpto de animada discussão entre os paes e o filho; este empenhava-se em pol-o no portal, para que os reis não se incommodassem em saltar ao jardim, aquelles esforçavam-se inutilmente em fazer-lhe vêr que não havia conveniencia alguma em pol-o tão longe, e quanto melhor seria collocar-o na janella do seu quarto; porém as lagrimas de Carlos oppozeram-se a todas as razões e o cesto ficou definitivamente collocado no portal.

Se Carlos tivesse a curiosidade de observar o que succedia no jardim meia hora depois de se ter deitado, veria a chegada dos reis, não vestidos em rigor, de velludos e sedas, ostentando diademas de ouro na cabeça, e perfumes asiaticos na mão e detendo-se magestosamente á porta de sua casa, mas sim de um rei vulgarissimo, que sahira da sua propria habitação, vestido á época, e o qual, pela figura e gestos, se parecia, d'uma maneira surprehendente, com seu pae.

Aquelle rei depositou no cesto o presente desejado; poucos instantes depois, um enorme polichinello de figura eminente, traje mosqueado, membros rigidos e rosto animado d'um sorriso zombeteiro, movia-se junto ás grades do portão, no meio do nevoeiro cada vez mais denso que envolvia o ambiente.

Raras são as noites em que a preocupação perturba o somno das creanças; os olhos que se cerram á noite, impellidos pelo cansaço, entreabrem-se sómente pela manhã; e n'este espaço de tempo a creança não dá conta de coisa alguma que aconteça ao redor d'ella; mas, n'aquella noite, Carlos não dormiu socegado.

O coração da creança, germen do coração do homem, abraça os mesmos sentimentos bons e maus; no seu seio existem as sementes das paixões que mais tarde hão de crescer com violencia, talvez perniciosas. No coração de Carlos germinava a ambição. O intimo desejo fazia-lhe vêr em sonhos o cesto collocado no portal, cheio de brinquedos, taes como: um capacete brilhante, uma espada de punho cinzelado e com a lamina de fino metal, um cavallo tão bonito que produziria admiração invejosa aos seus companheiros. Ao apresentar-se diante d'elles com tanto luxo, deixal-os-hia estupefactos, deslumbrados. A sua vaidade impor-se-hia com arrogancia, e depois... depois adormecia, esquecendo todas aquellas coisas. Isto aconteceu por quatro ou cinco vezes;

por fim, abriu os olhos, e um raio de luz entrava pela janella. Era dia. Levantou-se logo, vestiu-se com um fato simples, e sahiu para o jardim.

Finalmente lograva o seu desejo! Alli estava o cesto, onde se baloiçava o extravagante polichinello. Sem duvida os reis eram dotados de muito bom gosto, porque o boneco era muito semelhante a um que virá dias antes no mostrador d'uma loja da rua do Arenal, e que tanto cobicava!

Como se sentia feliz! Lançou-se com sofreguidão sobre o gentil boneco, mas esperava-o uma nova surpresa: debaixo do cesto e apoiado na parte exterior da grade do portão, estava uma cabeça loira, provavelmente a de algum gigantesco *bébé* com que os Magos tambem o tinham querido recompensar.

Carlos aproximou-se e retrocedeu com espanto.

Aquella cabeça era a do cadaver do menino pobre, que na vespera lhes tinha pedido esmola, e que expirára junto á sua porta, de frio e de fadiga.

Todo o panorama de felicidade que se havia desenrolado na sua imaginação ao vêr satisfeito o seu capricho, converteu-se em panorama de tristeza, e o grito de alegria que estava proximo a exhalhar da garganta, trocou-se pelo grito de dolorosa angustia.

*Trad.*

NINGUEM.

## VERSOS AO JULIO

QUEM O ALHEIO VESTE, NA PRAÇA O DESPE

Uma feia e triste lesma  
Esbarrou n'um caracol,  
Quando o mollusco seresma  
Punha os olhinhos ao sol.

E ao ver-lhe a casca lustrosa  
Que o costado lhe calleja,  
Diz-lhe a lesma preguiçosa  
Mordida da negra inveja:

— Custa a crer que te regales  
(Nem de tal me capacitas)  
De andar por montes e vales  
Trazendo a casa ás cabritas.

— Por prescindir d'esse appeno  
De vaidade me empanturro...  
Meu Deus! que falta de senso  
Trazer cangalhas de burro!...

— Que prazer sentes tu n'isso  
Que as costellas te calcina?  
... Com pau e corda e chouriço,  
Davas em moço de esquina...

— Mas, uma vez que o carregio  
De transportar não te cansas,  
Se tens feição de gallego,  
Porque não fazes mudanças?

— Ai! caracol de má morte,  
Animalejo o mais imo,  
A tua pungente sorte  
Como eu deveras lastimo!...

Responde-lhe em brandas fallas  
O caracol pachorrento:  
— Ó lesma! porque te ralas,  
Se eu proprio não me lamento?

— Ao ver quem tanto se abraza,  
Quando eu por mim não me alombo,  
Par'c'era que a minha casa  
Lhe anda a pesar sobre o lombo...

— Tanta phrase picaresca  
Pra afinal não dizer nada...  
Preferes andar á fresca?...  
Pois anda, se isso te agrada...

— Não te constipas co'a brisa  
E o sol não te escalda o peito;  
Gostas de andar sem camisa...  
Que te faça bom proveito...

— A mim, que o frio enregelá  
E opprime a calma de agosto,  
Apraz-me andar de farpella...  
Cada um anda a seu gosto...

— Não te apouquentes por mim,  
Pois sem razão te desgostas  
E deixa que eu ande assim  
A casa trazendo ás costas.

— Repara que se eu quizesse  
Metter o caso em parabola  
Diria que se parece  
Co'o da raposa da fabula...

(Conclue no proximo numero).

D. MARIA DO Ó.



PARA QUE SERVE UM CÃO DA TERRA NOVA

## PARA QUE SERVE UM CÃO DA TERRA NOVA

O cão é certamente o animal mais dedicado ao homem. O seu affecto sem limites tanto se destina ao rico opulento, como ao pobre esgarapado. E' o guarda fiel da nossa casa, o nosso defensor nos perigos, quantas vezes o nosso salvador! e sempre com uma coragem e abnegação inexcedíveis.

Ainda que o dono o maltrate injustamente, não lhe guarda rancor, antes parece pedir-lhe perdão do castigo immerecido.

Contam-se innumeradas aneddotas em que se patenteia a sagacidade, a intelligencia, a dedicação de tão util animal.

Uma vez um allemão viajava a pé pela Hollanda, tendo por companheiro um grande cão da Terra Nova. Passeava pela borda d'um canal, quando, de repente, perdeu o equilibrio e cahiu á agua, e, como não sabia nadar, foi ao fundo. Quando recobrou os sentidos, encontrou-se n'uma casinha do outro lado do canal, rodeado por alguns camponezes, que lhe prestaram os necessarios soccorros. Disseram lhe elles que tinham visto ao longe um cão nadando e fazendo incriveis esforços para suster ao de cima d'agua e trazer para a margem um corpo volumoso. No fim de muito trabalho, conseguiu alcançar um regato que desaguava no canal, e cuja profundura ia diminuindo progressivamente. Foi só então que elles camponezes puderam verificar que era um homem que o valente cão tratava de salvar. Correram logo para o regato, mas quando lá chegaram já o dedicado animal tinha conseguido arrastar para terra o seu pobre dono, cujo rosto estava lambendo affectuosamente.

Os camponezes notaram ainda outra circumstancia importante. O allemão tinha signalados os dentes do animal na parte superior d'um braço e no pescoço; e d'isto concluíram que, observando o cão que era necessario conservar fóra da agua a cabeça do dono, largara-lhe o braço e segurara-o pelo pescoço. De facto, se não tivesse procedido d'este modo, o allemão teria morrido afogado. E' admiravel!

Conta-se tambem que o navio inglez *Durham* acabava de naufragar nas costas de Norfolk. O mar estava medonho e a costa ficava ainda distante, de modo que não era possível arremçar para lá um cabo. O navio, batido pelo furor da tempestade, estalava por todos os lados com pavoroso ruído, ameaçando despedaçar-se totalmente d'um momento para o outro. O unico meio de salvação era conseguir fazer chegar um cabo a terra; mas nenhum marinheiro se atrevia a tentar esse meio, porque de certo as ondas furiosas o enguliriam, ou o despedaçariam de encontro aos rochedos. Lembraram-se então d'um cão da Terra Nova que havia a bordo; metteram-lhe na bocca a ponta d'um cabo e lançaram-no ao mar. O valente animal nadou esforçadamente, uctando com o desespero das ondas; estava quasi

a perder o alento quando, fazendo um derradeiro esforço, conseguiu chegar a terra, conservando sempre entre os dentes cerrados o cabo salvador. Alguns pescadores trataram então de estabelecer um cabo de vae-vem para o navio, e d'esse modo puderam ser salvos os pobres naufragos, em numero de nove!

Recordamo-nos ainda d'uma outra historia, devéras interessante, e que vamos referir com o maior prazer.

Um pobre pastor da montanha sahia todas as manhãs com o seu rebanho, e costumava levar consigo um filhito de tres annos. Um dia, tendo de subir aos rochedos da serra para arrebancar as rezes tresmalhadas, deixou o filhinho em baixo, na planície, recomendando-lhe que não se tirasse d'aquelle sitio. Mas apenas o pobre homem chegou ao cume da serra, obscureceu-se o sol e um espesso nevoeiro cobriu toda a cadeia de montanhas. Quasi que o dia se transformara em noite. O pastor apressou-se a descer; mas, em meio d'aquella subita escuridão, perdeu-se no labyrintho de desfiladeiros, de cascatas, de enormes rochedos disseminados pela montanha. Depois de andar perdido durante muitas horas, encontrou-se ao pé da sua cabana, mas sem o seu querido filho, que em vão procurara! Imagine-se o desespero do pobre pae!

No dia seguinte, novas buscas, mas sem resultado. Ao regressar, porém, á noite á miseravel choupana, soube que o seu cão de guarda, que sempre acompanhava o rebanho, viera buscar a sua ração de comida e desaparecera logo. Dias seguidos o cão procedeu do mesmo modo. O pastor, muito admirado, tanto mais que não via o animal ao pé do rebanho, ficou um dia em casa. A certa hora, o cão appareceu, recebeu o pedaço de pão do costume e elle ahi parte com um foquete. O pastor correu atraz d'elle, seguiu-o, e viu-o entrar para uma caverna aberta nos rochedos. Com risco de quebrar as costellas, o pobre camponez conseguiu descer até á entrada da caverna, que ficava na encosta da serra. Oh! mas que louca alegria sentiu aquelle pae ao vér sentado na gruta o seu filhinho querido, comendo com o melhor appetite o pedaço de pão que o incomparavel animal acabava de lhe trazer!...

Segundo parece, o pequenito, desobedecendo á ordem do pae, afastara-se do sitio em que este o deixara, e fóra rebolando pela encosta da serra até á entrada da caverna. O cão tinha-o seguido, e, na impossibilidade de o fazer subir o escarpado precipício, ia todos os dias buscar-lhe alimento e alli ficava depois a acompanhal-o!

Não ha nada mais commovente!

Em vista d'estes factos, que podemos classificar de sublimes, não devemos admirar-nos que o formoso cão representado na nossa gravura consinta em servir de corsel á encantadora pequenita que o cavalga. De mais a mais, era ne-

cessario atravessar o regato, e com quanto a pequenina amazona não corresse risco de molhar as botas, de que não fazia uso, senão nos dias de festa, o nobre animal gostosamente se prestara a evitar que ella molhasse os pésinhos. O irmão mais velho lá vae servindo de escudeiro, e o certo é que todos tres formam um grupo delicioso e encantador.

A amisade do Tigre, que era o nome do cão, pelos dois pequenitos não podia exceder-se. Se alguém se atrevesse a bater-lhes, a ameaçal-os, sequer, podia contar que teria de arrepender-se. Uma vez entrou na aldeia um mendigo mal encarado, e vendo a pequenita á porta da choupana, d'onde se approximára para pedir esmola, quiz agarral-a para a beijar. A pequenita assustou-se

e poz-se a chorar muito sentida. O Tigre, sem indagar as intenções do mendigo, lançou-se a elle furioso, deitou-o ao chão, e se o dono não acode rapido, o pobre velho, em vez de ir para o hospital, como foi, iria para o cemiterio:

Aconteceu de outra vez a pequenita adôecer com uma febre de mau caracter. O Tigre não queria comer, mostrava uma grande tristeza, e só se afastava da caminha da sua pequenina dona para ir prevenir alguém quando ella chamava. Ao ficar boa a doentinha, era de vêr-se a louca alegria do Tigre. Saltava e ladrava que ninguém parava com elle.

Bem diz o povo que não ha amisade como a do cão!



## A MORTE E O RACHADOR DE LENHA

(FABULA DE LAFONTAINE)

Um rachador de lenha, carregado  
Com o peso do mólho e o de seus annos,  
Procurava fugir do inverno aos damnos  
Demandando o seu pobre ninho amado.

Do ultimo esforço, enfim, abandonado,  
O mólho atira ao chão: «— Todos tyrannos!  
Haverá maior dôr entre os humanos?  
Terá o mundo equal um desgraçado?!

Os filhos, a mulher, duros credores...  
Vem, morte, que t'o peço de mãos postas!  
E a morte acode prompta a seus clamores:

— Oh tu que de teu fado te desgostas,  
Que pretendes de mim? — Elle em tremores:  
«Vê se me ajudas a pôr isto ás costas.

J. I. d'ARAÚJO.

## HORAS ENTRETIDAS

1 — CHARADA NOVISSIMA

Esta ave, concede, o que não presta — 2 — 1  
Vizeu TRAVESSO & C.<sup>a</sup>

2 — CHARADA NOVISSIMA

Na Grecia corre este nome — 2 — 2  
Lisboa FANTOCHE.

3 — CHARADA NOVISSIMA

Tempera um appellido esta planta — 1 — 1  
Lisboa ALICE.

4 — CHARADA NOVISSIMA

Tem direito e juizo esse nome — 1 — 2  
Lisboa ALICE.

5 — CHARADA NOVISSIMA

No navio esta ave dá prazer — 1 — 2  
Monchique CUNHA & C.<sup>a</sup>

6 — CHARADA NOVISSIMA

Em tj e em mim, no pinhal e na cabeça — 2 — 2  
Lisboa HERMINIA.

7 — CHARADA NOVISSIMA

O fim d'este osso é um osso — 2 — 2  
Lisboa HERMINIA.

8 — LOGOGRIPO POR LETTRAS

Mulher, a quem consagro o meu amor! 1, 8, 3, 4, 2.  
Mulher, por quem palpita o coração! 5, 7, 6, 2.  
Oh! não creias que eu zombe do affecto, 3, 4, 8.  
A que me tem levado esta paixão! 2, 1, 8, 3.Por isso eu te peço, que te lembres  
D'um triste, que te dá a propria vida!  
Não queiras que a teus pés me arraste louco  
Pedindo teu amor, ó minha querida!  
Vizeu O PEQUENO ANTONISHO.

9 — PROVERBIO COM SUPPRESSÃO DE CONSOANTES

...é .o. .é .é .o. .é

10 — PERGUNTA INNOCENTE

Que faz a borboleta quando se aproxima da luz?  
Vizeu TRAVESSO & C.<sup>a</sup>

11 — PERGUNTA INNOCENTE

Quaes são as seis terras portuguezas cujas primeiras  
letras de cada uma formam reunidas um appellido, e as  
ultimas formam outro?

Lisboa TITIBE.

12 — PROBLEMA DE ARITHMETICA

Subindo os degraus d'uma escada a 2 e 2, sobeja 1; a  
3 e 3, sobram 2; a 4 e 4, 3; — a 5 e 5, 4; — a 6 e 6, 5;  
— a 7 e 7 não sobra nenhum.Quantos degraus tinha a escada?  
Beja TRAUQUINAS.

13 — PÁLAVRAS QUADRADAS

Nome sou e mui leal  
Dou honra á lusa historia  
E' immenso o meu poder  
Do theatro sou a gloria.

Lisboa FANTOCHE.



## ALEGRIAS

Um provinciano chegada a Paris perguntou a  
um moço de esquina por onde se ia para o jar-  
dim que tinha uma bonita collecção de animaes.— Ah! senhor — respondeu o moço — isso  
agora é uma desgraça!— Uma desgraça porquê?  
— Porque têm morrido quasi todos os pobres  
brutos que lá entram!

— Ah! sim? Então já lá não vou.

Por occasião da revolução franceza de 1848,  
um guarda nacional começava d'este modo a  
carta para um amigo:«Escrevo-te com a espada n'uma das mãos e  
a pistola na outra...»

Com que mão escreveria o homem?

N'uma casa de pasto:

— José, dá-me um palito.

— Já não ha d'isso.

— Como já não ha?...

— Não, senhor; o patrão reparou que os fre-  
guezes serviam-se dos palitos e os levavam; e  
diz que não está para mais.Um caloteiro foi jantar a uma casa de pasto,  
e como não tinha dinheiro para pagar, foi per-  
guntar ao dono do estabelecimento o que faria  
se alguma vez lhe apparecesse um freguez que  
não trouxesse dinheiro para satisfazer a despeza.— Sabe o que eu fazia? — respondeu o lo-  
candeiro — punha-o no meio da rua, dando-lhe  
um bom pontapé no sitio onde acaba o espi-  
nhaço!O miliante põe o chapéu na cabeça, volta as  
costas, levanta as abas do casaco e diz sem se  
alterar:

— Pague-se.

Um caçador infeliz, para que a mulher não  
caçoasse com elle, comprou uma lebre, que já  
não estava muito fresca, e levou-l'h'a.— Meu amigo — disse-lhe a esposa, cheirando  
a lebre — fizeste bem em matal-a hoje, porque  
amanhã já não estaria capaz.

## SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

91, Campanha. — 92, Cavidades. — 93, Triunpho. — 94, Opa. — 95, Car-  
dealina. — 96, Roralina. — 97, Quem canta seus males espanta.